



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : diálogos contemporâneos 3 /
Organizadora Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR:
Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-39-3
 DOI 10.22533/at.ed.393201002

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Bôscaro, Ana Paula Dutra.
 CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, o livro *História: Diálogos Contemporâneos* apresenta-se como um importante espaço de intercâmbio cultural e científico. Ao articular as relações que se estabeleceram no passado e que continuam vigentes no presente, o livro abarca assuntos relevantes e que dialogam com diferentes áreas do conhecimento, propiciando discussões em entorno de questões políticas, sociais e culturais.

De modo cada vez mais sistemático, a historiografia tem se empenhado em desenvolver novas possibilidades investigativas. Os autores aqui reunidos, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas, colaboram com o processo de construção do conhecimento histórico. Seus trabalhos, resultados de pesquisas originais, dialogam entre si e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes assuntos.

No livro estão reunidas análises que dissertam sobre o uso da literatura e da narrativa nos estudos históricos; Trabalhos que refletem sobre o papel do ensino no contexto atual e sobre os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares e nas universidades; Debates sobre questões relativas ao passado escravocrata e suas permanências nas relações sociais; Migrações forçadas no contexto atual, dentre outros temas que promovem um frutífero diálogo entre passado e presente.

Em síntese, a obra nos ajuda a compreender de que modo as marcas do passado se manifestam em nossa experiência atual. Desta feita, esperamos que a leitura dos capítulos que por ora se apresentam possam ampliar os conhecimentos e instigar novas pesquisas históricas. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.3932010021	
CAPÍTULO 2	15
MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS	
Denise Maria Couto Gomes Porto	
DOI 10.22533/at.ed.3932010022	
CAPÍTULO 3	26
CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)	
Pedro Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.3932010023	
CAPÍTULO 4	40
MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS	
José Geraldo Dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3932010024	
CAPÍTULO 5	54
ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR	
Janessa Pagnussat	
DOI 10.22533/at.ed.3932010025	
CAPÍTULO 6	65
AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROUSSEAU NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	
Heloíse Montagner Coelho	
Thieser da Silva Farias	
DOI 10.22533/at.ed.3932010026	
CAPÍTULO 7	77
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS, MONOPARENTALIDADE E O FENÔMENO ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA À PERSPECTIVA DE RICHARD GARDNER	
Ronaldo da Costa Formiga	
DOI 10.22533/at.ed.3932010027	
CAPÍTULO 8	90
ESCRITAS DE SI: A PRODUÇÃO TEXTUAL NARRATIVA DESENVOLVIDA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL E IDENTITÁRIA	
Tuany Maria Rodrigues Gonçalves Cianelli	
Bruna Sieiro Borges	
Fernanda Iglesias Webering	

Cláudia Cristina Mendes Giesel
Flávia Maria Farias Baptista da Cunha
DOI 10.22533/at.ed.3932010028

CAPÍTULO 9 101

UMA BASE CURRICULAR PARA TEMPOS NEOLIBERAIS

Gustavo de Faria Lopes
José Elias Domingos Costa Marques
Renato Gomes Vieira

DOI 10.22533/at.ed.3932010029

CAPÍTULO 10 112

A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS VÍDEOS COM O INTUITO DE PROMOVER O DEBATE RELACIONADO À TEMAS RELEVANTES ÀS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Aline Kelly da Silva Faria
Madalena da Silva Faria

DOI 10.22533/at.ed.39320100210

CAPÍTULO 11 118

DESCONSTRUÍNDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Lucas Cardoso de Moura

DOI 10.22533/at.ed.39320100211

CAPÍTULO 12 126

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A UNIVERSIDADE: UM ESTUDO HISTÓRICO

Oscar Edgardo N. Escobar

DOI 10.22533/at.ed.39320100212

CAPÍTULO 13 139

HISTÓRIAS DA PSIQUIATRIA NO BRASIL E AS INTERDIÇÕES AO USO DE ÁLCOOL E DROGAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ana Maria Cardachevski

DOI 10.22533/at.ed.39320100213

CAPÍTULO 14 153

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O CASO DO MOVIMENTO MÍDIA SEM MÁSCARA E O USO IDEOLÓGICO DAS FONTES

Natalia dos Reis Cruz

DOI 10.22533/at.ed.39320100214

CAPÍTULO 15 162

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.39320100215

CAPÍTULO 16	170
DA RODA DOS EXPOSTOS AO MERCADO DE TRABALHO Claudia Alves d`Almeida DOI 10.22533/at.ed.39320100216	
CAPÍTULO 17	179
A DINÂMICA ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA JUSTIÇA COLONIAL DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (1930) Inajá Reis Costa DOI 10.22533/at.ed.39320100217	
CAPÍTULO 18	191
ENTRE SEMENTES E FRUTOS: DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E A ROMANIZAÇÃO EM MANAUS (1941-1948) Elisângela Maciel DOI 10.22533/at.ed.39320100218	
CAPÍTULO 19	202
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS FORÇADOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC) Tatiane Sant'Ana Coelho Reis DOI 10.22533/at.ed.39320100219	
SOBRE A ORGANIZADORA	212
ÍNDICE REMISSIVO	213

CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)

Data de aceite: 04/03/2020

Pedro Nogueira da Gama

UFRJ

Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: Herbert George Wells (1866-1946), conhecido como H. G. Wells, foi um dos autores mais importantes da literatura “científica” do seu tempo. O escritor inglês frequentemente apresentou suas aflições em sua literatura ficcional, com inúmeras referências e julgamentos sobre o seu próprio tempo. Entre as obras a abordar essa temática, encontra-se “A máquina do tempo”, de 1895. Essa obra foi o primeiro romance de fôlego de H. G. Wells. Ela faz parte desses casos singulares da literatura a inaugurar um subgênero, o das histórias de “viagens no tempo”. Esse artigo propõe explorar algumas possibilidades interpretativas a respeito das críticas presentes em “A máquina do tempo”. Como hipótese preliminar, entende-se que Wells lançou mão da distopia futurista para tratar de temas e questões relacionadas ao seu tempo histórico e às suas próprias idiosincrasias. Suas distopias alegóricas contribuem para interrogar epistemologicamente as aspirações utópicas de alguns dos chamados “neologismos” da modernidade, como o liberalismo e o comunismo, e sua inevitável

relação com a dimensão temporal. Na ficção de Wells, pode-se compreender que esses termos são empregados de forma paradoxal, ora como um modelo de utopia, ora como o seu avesso, a distopia, sendo ambos localizados no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: H. G. Wells, Literatura, Teoria da História.

ABSTRACT: Herbert George Wells (1866-1946), known as H. G. Wells, was one of the most important authors of the “scientific” literature of his time. The writer has often presented his afflictions in his fictional literature, with numerous references and judgments about his own time. Among the works addressing this theme is “The time machine” from 1895. This work was H. G. Wells’ first novel. It is one of these unique cases of literature inaugurating a subgenre: the “time travel” stories. This article proposes to explore some interpretative possibilities regarding the critiques presented in “The time machine”. As a preliminary hypothesis, it is understood that Wells used futuristic dystopia to address issues related to his historical time and his own idiosyncrasies. Their allegorical dystopias contribute to epistemologically interrogate the utopian aspirations of some of the so-called “neologisms” of modernity, such as liberalism and communism, and their inevitable relationship with the temporal dimension. In the novel, these terms are used paradoxically, sometimes as a

model of utopia, sometimes as their reverse, dystopia, both being located in the future.

KEYWORDS: H. G. Wells, Literature, Theory of History.

1 | INTRODUÇÃO

“A máquina do tempo”, de 1895, foi o primeiro romance de fôlego de Herbert George Wells (1866-1946), usualmente conhecido como H. G. Wells. Ele faz parte desses casos singulares da literatura a inaugurar um subgênero, o das histórias de “viagens no tempo”.

Como lembra Bráulio Tavares, no prefácio da edição brasileira de 2010, a obra de Wells e seu próprio escritor eram filhos da era industrial e da mentalidade racional que concebeu e produziu uma infinidade de máquinas que revolucionaram, categórica e irremediavelmente, o modo de viver humano. Com a locomotiva, o navio a vapor, o automóvel, a metralhadora, o avião, a fotografia, o cinema, entre muitas outras invenções, nada jamais seria como antes. De certa maneira, essas máquinas representavam uma pretensão de controle do homem sobre o Espaço e o Tempo e remetiam às ideias de individualismo e liberdade (TAVARES, 2010).

Esse trabalho propõe explorar algumas possibilidades interpretativas a respeito das críticas presentes em “A máquina do tempo”. Como hipótese preliminar, entende-se que Wells lançou mão da distopia futurista para tratar de temas e questões relacionadas ao seu tempo histórico e às suas próprias idiossincrasias.

2 | O FUTURO COMO *LÓCUS* DE DECADÊNCIA E HORROR

O livro começa com o protagonista-cientista, também chamado eventualmente de “Viajante no Tempo”, contando em detalhes a um seletivo grupo de amigos em sua residência sua incrível história: uma viagem no tempo em direção ao futuro. Se, a princípio, não tinha a intenção de parar, subitamente, é motivado a interromper sua viagem pela possibilidade de vislumbrar no futuro os avanços resultantes do progresso humano, representados durante o percurso por imagens difusas de prédios soberbos e de uma natureza exuberante. Ao cessar sua jornada, chega ao ano 802.701 da “era cristã”.

“A princípio eu não tinha intenção de parar, não pensava em nada senão nessas sensações para mim inéditas. Mas logo uma nova série de impressões brotou em minha mente, uma certa curiosidade acompanhada por temor que, acabaram por tomar conta de mim. Pensei: que estranhos progressos da humanidade, que maravilhosos avanços sobra a nossa civilização rudimentar que não se revelariam aos meus olhos quando eu me dispusesse a observar esse mundo difuso que flutuava e desaparecia diante dos meus olhos! Vi arquiteturas majestosas e esplêndidas erguendo-se diante de mim, construções mais maciças do que qualquer edifício do nosso tempo, e que ainda assim me pareciam feitas apenas de luz e névoa. Vi um verde mais luxuriante espalhar-se pelos flancos da colina e permanecer ali sem

qualquer interferência do inverno. Mesmo sob o véu de confusão que me envolvia, a terra parecia muito bela. E então surgiu em minha mente o desejo de parar.” (WELLS, 2010, p. 40).

Em suas investigações preliminares, ele se dá conta de que o ambiente a sua volta está tomado em sua maior parte pela natureza, com alguns poucos edifícios que, apesar de monumentais, possuíam um aspecto decadente, um “esplendor arruinado”. Rapidamente, ele trava contato com alguns habitantes, que posteriormente serão chamados de Elóis, sem que haja um esclarecimento sobre esse nome.

Os Elóis são semelhantes a homens e mulheres, mas apresentam um aspecto frágil. Comportam-se como crianças, conforme a compreensão do protagonista, vivendo de forma livre e despreocupada durante o dia, com certo temor pela noite e pela escuridão, alimentando-se a base de frutos, extraídos das árvores, sem qualquer iniciativa ou agressividade. Ao perceber aquela “realidade”, o “Viajante no Tempo” esboça uma primeira interpretação, frustrada e pessimista, contrária às suas expectativas de que os homens e as mulheres do futuro seriam intelectualmente superiores àqueles do seu presente.

“A questão que veio de súbito à minha mente foi: aquelas criaturas não seriam, talvez, um bando de loucos? Vocês não podem avaliar o quanto isso me desconcertou. Vejam, eu sempre supus que os habitantes do ano 802 mil e tantos estariam incrivelmente avançados, em relação a nós, em conhecimentos, em artes, em tudo. E de repente um deles me fez uma pergunta de quem tem o mesmo nível intelectual de uma criança de cinco anos – perguntava-me, na verdade, se eu tinha vindo do sol num trovão! Fui forçado a aceitar o juízo que formara, mas deixei em suspenso, ao ver suas roupas, seus membros pequenos e frágeis, suas feições sem força. Uma onda de desapontamento cruzou minha mente. Por um instante, achei que tinha construído a Máquina do Tempo em vão.” (WELLS, 2010, p. 46-47).

Em suas interações iniciais com esses seres do futuro, o “Viajante no Tempo” percebe que há uma ausência de moradias individuais ou familiares. É interessante notar que, abruptamente, ele associa essa percepção à ideia de comunismo.

“Tomado por uma ideia súbita, olhei em volta, de um terraço onde parei para descansar, e percebi que não havia casas à vista. Aparentemente, as residências individuais, e talvez o próprio conceito de lar, tinha desaparecido. Aqui e ali por entre os gramados viam-se edifícios com proporções de palácios, mas a casa e a casinha de campo, que são características tão marcantes da nossa paisagem inglesa, tinham sumido. ‘Comunismo’, murmurei comigo mesmo.” (WELLS, 2010, p. 52).

Essa associação é reforçada pelo raciocínio seguinte, ao entender que aqueles seres tinham trajes, comportamentos e até mesmo traços físicos muito parecidos. Então, ele concebe uma reflexão “sociológica”, na qual esse futuro, “comunista” e “utópico”, apresentava como uma de suas características singulares a tendência ao equilíbrio e à homogeneização social, sem divisões de classe e de gênero. Explorei

essas reflexões e seus desdobramentos com mais cautela a seguir.

“Vendo a maneira descontraída e tranquila com que eles viviam sua vida, achei que essa semelhança entre os sexos era, afinal de contas, algo previsível. A força do homem e a suavidade da mulher, a instituição da família e a diferenciação de ofícios eram meras necessidades práticas de uma época em que predominava o esforço físico. Quando a população é equilibrada e abundante, criar muitos filhos torna-se um mal e não uma benção para o Estado; quando a violência é rara e as crianças estão seguras, há menos necessidade – na verdade, não há necessidade alguma – de uma família eficiente, e a especialização dos sexos para prover as necessidades dos filhos desaparece. Já vemos sinais disso em nosso próprio tempo, e naquela idade futura o fenômeno tinha se instaurado de vez. Isso, preciso lembrar-lhes, foi uma especulação que me ocorreu naquele momento. Depois, constatei o quanto a realidade era diversa.” (WELLS, 2010, p. 52-53).

Entre os aspectos ditos “comunistas”, consta na sua leitura inicial a percepção de uma total ausência de casas ou residências particulares, da enorme semelhança das aparências, dos comportamentos e das vestimentas dos Elóis, além da falta de famílias e de papéis sociais tradicionais. Sobre esses últimos aspectos, o protagonista subitamente especula, com base na experiência de seu próprio tempo, que haveria uma tendência à extinção do tradicionalismo familiar e dos papéis e divisões sociais na medida em que a sociedade se tornasse harmoniosa e sem violência.

Vale lembrar que, nessa parte, o protagonista havia acabado de chegar ao mundo do futuro. Em sua exploração do ambiente ao longo do primeiro dia, ele ressalta uma “estranha sensação de liberdade e de aventura”. Atinge o topo de uma elevação, que lhe permite uma visão ampla das terras, dos prédios enormes ao redor e dos habitantes do lugar, e então retoma suas especulações.

Intui sobre a ausência de propriedades, assim como algo que se assemelhe a atividades produtivas ou a uma organização do trabalho, na forma de agricultura ou indústria. Essa percepção é reforçada pelo vislumbre da vida lúdica dos Elóis e sua sobrevivência à base de coleta e extrativismo. Tal impressão lhe traz sentimentos ambíguos, em que otimismo e pessimismo se alternam.

“Já falei sobre os grandes palácios que vi espalhados por entre aqueles relvados, alguns deles em ruínas, outros ainda habitados. Aqui e ali erguia-se uma imagem branca ou prateada, por entre os jardins abandonados da terra; aqui e ali divisava-se a abrupta linha vertical de alguma cúpula ou obelisco. Não havia sebes, nenhum sinal de limites de propriedades, nenhuma evidência de atividade agrícola; a terra inteira havia se tornado um jardim.” (WELLS, 2010, p. 53-54).

Assim, o cientista entende que está a assistir a gradual decadência da civilização, que outrora havia atingido o seu apogeu, em que os principais riscos à sobrevivência dos homens, como a escassez de alimento e moradia, as doenças e epidemias, assim como a incerteza e os perigos de uma morte violenta, haviam sido debelados. Afirma que, já no seu próprio tempo, havia um empenho continuado nesse sentido, impulsionado pela aplicação do conhecimento científico.

“Tive a impressão de estar encontrando a humanidade na sua fase de lento declínio. Aquele pôr do sol me levou a pensar no crepúsculo da própria espécie humana. Pela primeira vez comecei a perceber uma consequência bizarra dos esforços sociais nos quais estamos mergulhados em nossa época. E não obstante, é uma consequência bastante lógica. A força é o resultado da necessidade; a segurança conduz ao enfraquecimento. O esforço para melhorar as condições de vida – o verdadeiro processo civilizatório que torna a vida cada vez mais segura – tinha avançado até atingir o clímax. Cada triunfo conjunto da humanidade sobre a Natureza tinha sido logo seguido por outro. Coisas que hoje não passam de sonhos tinham se transformado em projetos que alguém levou a cabo. E o resultado era aquele!” (WELLS, 2010, p. 54).

Desse modo, haveria do seu ponto de vista uma tendência progressiva ao aperfeiçoamento, o que levaria paulatinamente a Natureza a ser decifrada e finalmente domada, além de satisfazer as carências humanas, ainda que eventuais retrocessos pudessem acontecer. É importante notar que essa tendência ocorreria, segundo ele, porque os ideais humanos de seu tempo eram “vagos e ainda experimentais”, assim como o conhecimento e sua aplicabilidade no mundo natural. Portanto, tais limitações precisariam ser superadas.

“Afim de contas, a saúde e a agricultura de hoje estão ainda num estágio rudimentar. A ciência do nosso tempo conseguiu enfrentar apenas um pequeno número das enfermidades humanas, mas, mesmo assim, expande suas conquistas de maneira firme e contínua. Nossa agricultura e nossa horticultura destroem algumas plantas aqui e ali, e cultivam um número elevado de plantas saudáveis, deixando que a maioria das demais encontre o melhor equilíbrio possível. Introduzimos melhoramentos em nossas plantas e animais favoritos – e são muito poucos – gradualmente, por reprodução seletiva; aqui e acolá um pêsego mais saboroso, ou uma uva sem caroço, ou uma flor maior e mais perfumada, ou uma raça de gado que mais nos convém. Nós os melhoramos gradualmente, porque nossos ideais são vagos e ainda experimentais, e nosso conhecimento limitado; e porque a Natureza, também ela, é tímida e reage devagar às nossas mãos desajeitadas. Algum dia tudo isso será mais bem-organizado e dará resultados melhores. Esse é o rumo para onde flui a corrente, apesar de refluxos ocasionais. O mundo inteiro será inteligente, educado e cooperativo; as coisas caminharão cada vez mais rápidas em nosso esforço para subjugar a Natureza. No fim, iremos reajustar o equilíbrio da vida animal e vegetal, com sabedoria e cuidado, de uma maneira que satisfaça nossas necessidades humanas.” (WELLS, 2010, p. 54-55).

Nessa linha de raciocínio, o protagonista deduz que teriam ocorrido mudanças substanciais no meio ambiente, de forma que as inúmeras ameaças naturais à vida humana tivessem sido suprimidas.

“Esse ajustamento deve ter sido concretizado, e muito bem-concretizado; realizado para todo o sempre, no espaço de Tempo que minha máquina percorreu. O ar estava livre de mosquitos, a terra sem ervas daninhas e sem fungos; por toda a parte havia frutas, flores belas e perfumadas; borboletas cintilantes esvoaçavam por toda parte. O ideal da medicina preventiva tinha sido realizado. As doenças foram extintas. Não vi sinais de qualquer doença contagiosa durante a minha permanência ali. E irei lhes contar mais adiante como mesmo os processos de putrefação e decomposição tinham sido profundamente afetados por essas

mudanças.” (WELLS, 2010, p. 55).

Além disso, na organização social, entende que teria se tornado dispensável qualquer atividade laboral a exigir grande desgaste físico. Em sua opinião, entre as consequências dessa transformação, estaria uma ausência de antagonismos de classe, de opressores e oprimidos e dos conflitos econômicos. Deve-se notar que a presença desses aspectos são marcas indelévels do capitalismo do final do século XIX. É nesse sentido que ele entende estar diante de um “paraíso social”.

“Também tinham se conquistado triunfos na área da organização social. Porque eu via a humanidade abrigada em construções esplêndidas, vestida com exuberância, e até então não os vira envolvidos em nenhum trabalho que requeresse esforço. Não havia sinais de lutas sociais ou econômicas. As lojas, a propaganda, o tráfego, todo o comércio que constitui a parte mais visível do nosso mundo, tudo isso desaparecera. Era natural que, naquele crepúsculo dourado, eu tivesse a impressão de um paraíso social.” (WELLS, 2010, p. 55-56).

Entretanto, não há apenas aspectos positivos nas especulações iniciais do “Viajante no Tempo”. Ele acredita que o triunfo categórico da “vontade humana” teria, simultaneamente, levado ao rompimento do fio condutor do progresso contínuo.

Em uma alusão ao darwinismo social, o protagonista afirma que, por um lado, o medo das ameaças e a necessidade de suplantá-las teriam resultado em uma seleção dos indivíduos e na perpetuação daqueles mais aptos, inteligentes e robustos. Ao mesmo tempo, teria se formado um lento e complexo “processo civilizador”, onde múltiplas paixões foram reprimidas de forma contínua, o que tornou factível a vida em comunidade e a constituição de sociedades progressivamente mais sofisticadas.

“Mas com essa mudança de condições vem, inevitavelmente, a necessidade de adaptação às novas condições produzidas pelas mudanças. Qual é, a menos que nossa ciência biológica seja uma montanha de erros, a causa da inteligência e do vigor da raça humana? Uma vida livre enfrentando condições adversas, condições nas quais os indivíduos ativos, fortes e sagazes sobrevivem, e os fracos são condenados; condições que premiam a capacidade dos homens para o esforço conjunto e solidário, além do autocontrole, da paciência, da capacidade de decidir. E a instituição da família, e as emoções que ali são geradas, o ciúme, a ternura pelos filhos, a devoção dos pais, tudo isso é justificado e explicado pela presença de perigos que ameaçam os mais jovens. E agora, onde estão esse perigos? Há um sentimento crescente, e que irá crescer ainda mais, contra o crime conjugal, contra a dedicação exclusiva à maternidade, contra as paixões de qualquer espécie; coisas desnecessárias agora e que nos deixam desconfortáveis. São resíduos da vida primitiva e se tornam dissonantes na vida refinada e agradável de hoje.” (WELLS, 2010, p. 56).

Por outro lado, a conquista total das necessidades humanas, a extinção das ameaças à perpetuação da vida dos indivíduos e dos grupos, a superação das lutas e das classes sociais, o fim da violência e das guerras entre povos, nações e Estados e a total capitulação da Natureza ao controle do homem teriam, finalmente, conduzido a

uma “entropia” civilizacional.

“Sob essas novas condições ideais de conforto e segurança, aquela energia inquieta que entre nós se converte em força acabava se transformando em fraqueza. Mesmo em nossa própria época certas tendências e desejos, que em algum momento foram necessários à nossa sobrevivência, tornam-se uma fonte constante de fracassos. A coragem física e o amor pela guerra, por exemplo, não servem de muita coisa – podem até trazer graves prejuízos – ao homem civilizado. E num estado de perfeito equilíbrio das condições físicas e da segurança, o poder intelectual, assim como a força física, estaria sem função. Calculei que há anos sem conta tinha deixado de existir ali qualquer risco de guerra ou de violência pessoal, qualquer perigo de ataques de animais selvagens, nenhuma doença grave a requerer uma constituição forte, nenhuma necessidade de trabalhos braçais. Para uma vida assim, os fracos eram tão capacitados quanto os fortes e nem podiam mais ser chamados de fracos. Eram até mais bem-capacitados, pois os fortes seriam perturbados por uma energia para a qual não havia uso. Não havia dúvida de que a beleza peculiar dos edifícios que eu via era o resultado dos derradeiros impulsos dessa energia na humanidade, energia agora desnecessária, depois que ela repousava numa harmonia perfeita com as condições ambientes: o último florescer do triunfo resultou na paz definitiva. Tem sido sempre esse o destino da energia humana em condições de perfeita segurança: derivar para arte e o erotismo, e depois para a languidez e a decadência. Mesmo o impulso da arte não duraria para sempre e estava quase extinto naquele Tempo de que fui testemunha. Adornar-se com flores, dançar, cantar à luz do sol: era tudo o que tinha sobrado do espírito artístico. E mesmo isso estava condenado a desaparecer, no fim, dando lugar a uma complacente inatividade. Mantemo-nos sempre afiados quando somos submetidos ao esmeril da dor e da necessidade, e agora me parecia que esse mecanismo fatídico tinha finalmente sido despedaçado!” (WELLS, 2010, p. 57-58).

Eis que, a partir do desaparecimento da máquina do tempo, a história toma um rumo repentinamente inesperado, o que leva o protagonista-cientista ao desespero. A possibilidade de se ver preso àquele mundo lhe causa um grande temor. Ele então percebe que sua máquina foi arrastada para dentro de uma estátua, próxima ao seu lugar de chegada. Ao descobrir túneis que conduzem aos subterrâneos e adentrá-los, o “Viajante no Tempo” descobre outro tipo de habitante daquele mundo, criaturas pálidas de aspecto simiesco chamadas de Morlocks, sem que existam referências sobre a origem do nome, à semelhança dos Elóis.

É interessante enfatizar que, se no protagonista afloram várias emoções positivas pelos Elóis, em relação aos Morlocks, os sentimentos são, em sua maioria, de repulsa e de medo. Em algumas passagens, ele se refere a essas criaturas como seres “malignos”, “pragas albinas” de “natureza repugnante”.

Rapidamente, sua mente aguçada de cientista formula algumas hipóteses de natureza biológica e sociológica, que merecem ser analisadas de maneira exitosa. É menos importante a veracidade de suas hipóteses do que a construção intelectual que realiza, nesse momento, entre os dois “mundos”, o do futuro e de seu próprio tempo.

Em primeiro lugar, o “Viajante no Tempo” conclui que as duas criaturas são descendentes dos seres humanos. Ele pressupõe que o contínuo esgarçamento do tecido social, entre o “Capitalista” e o “Operário”, poderia fornecer uma chave de leitura para as alterações ocorridas ao longo daquelas centenas de milhares de anos. Uma

intensificação do uso do subsolo para atividades mais precárias e degradantes em relação às desenvolvidas na superfície teria condenado a indústria, com suas fábricas e trabalhadores, a não mais usufruir da luz do sol.

“Primeiro, tomando como base os problemas de nossa própria época, pareceu-me claro como a luz do dia era o aumento gradual da distância social, meramente circunstancial, que existe entre o Capitalista e o Operário. Sem dúvida, isso parecerá grotesco a vocês – e extremamente improvável! – e ainda assim hoje mesmo, em nossa época, existem aspectos que confirmam esse fato. Existe uma tendência a utilizar o subsolo para os aspectos menos ornamentais de nossa civilização: existe o Sistema Metropolitano em Londres, por exemplo, com as novas ferrovias elétricas, os trens subterrâneos, os escritórios e restaurantes alojados no subsolo, e eles não param de se multiplicar. Evidentemente, pensei, essa tendência se acentuou de tal forma que a indústria perdeu seu direito de existência ao ar livre. Ou seja, ela teve que ir mais e mais fundo, em fábricas subterrâneas cada vez maiores, num ambiente, em que os trabalhadores eram forçados a passar cada vez mais tempo, até que, no fim... Mesmo hoje, um operário do East End não vive em condições tão artificiais que se vê praticamente sem direito a acesso à superfície natural da terra?” (WELLS, 2010, p. 77-78).

Ele também identifica nos detentores da riqueza, os abastados do seu tempo, uma disposição ao isolamento, mantendo-se distante dos demais, especialmente, dos pobres, dos trabalhadores. Eles perpetuariam uma estrutura econômica de dominação em que a progressão social se tornaria, no limite, impossível. Nessa “sociedade de castas”, os pobres de nascimento estariam destinados a permanecer pobres e explorados. Ao viverem nos subsolos, sem acesso à superfície terrestre, não seriam sequer vistos pelos ricos. Ao longo de diversas gerações, por meio de um processo contínuo de violência e coerção, os trabalhadores sofreriam mudanças comportamentais e até fisiológicas, chegando mesmo a se afeiçoar à servidão subterrânea.

“Por outro lado, a tendência manifestada pelos ricos por uma vida cada vez mais exclusivista – devida, sem dúvida, ao refinamento crescente de sua educação, e ao alargamento do golfo entre eles e a violência rude dos mais pobres – faz com que porções consideráveis da superfície da terra estejam sendo isoladas em seu benefício. Nos arredores de Londres, por exemplo, talvez metade das mais belas zonas campestres tenha o acesso proibido a intrusos. E esse mesmo distanciamento – devido à duração e ao custo elevado da educação superior, e às crescentes oportunidades e tentações para hábitos dispendiosos por parte dos ricos – fará com que o contato entre as classes e a ascensão social através do casamento, que no presente têm retardado a estratificação social da nossa espécie, sejam cada vez menos frequentes. E assim, teremos no final, habitando a superfície, os Ricos, vivendo uma existência em busca de prazeres, conforto e beleza; e no subsolo os Pobres, os Trabalhadores, que se adaptam cada vez mais às condições do seu trabalho. Uma vez enclausurados ali, eles teriam que pagar impostos, que não seriam poucos, para manter a ventilação de suas cavernas; se se recusassem, morreriam de fome ou seriam sufocados até o pagamento dos débitos. Os que tivessem inclinação para o desespero e a rebeldia acabariam morrendo; e, no fim, seria alcançado um equilíbrio permanente, com os sobreviventes tornando-se tão bem adaptados às condições de vida subterrânea, e tão satisfeitos com ela, quanto os indivíduos do Mundo Superior estariam a sua. Aos meus olhos, a beleza refinada de uns e a palidez doentia dos outros era uma consequência natural desse processo.” (WELLS, 2010, p. 78-79).

O protagonista se desilude mais uma vez, pois sua expectativa em relação ao futuro distante era de harmonia e prosperidade plenas, frutos das conquistas da razão e da ciência. Ao contrário, do seu ponto de vista, a exacerbação do capitalismo industrial teria levado a humanidade à ruína civilizatória, ao desaparecimento do gênio e da capacidade criadora e ao fim da ideia de permanente progresso humano.

“O grande triunfo da humanidade com que eu havia sonhado tomou assim uma conformação diferente em minhas ideias. Não fora o triunfo da educação moral e da cooperação entre todos que eu imaginara. Em vez disso, o que eu via era uma verdadeira aristocracia, munida de ciências avançadas e aperfeiçoando até sua conclusão lógica o sistema industrial de hoje. Seu triunfo não tinha sido apenas sobre a Natureza, mas sobre a Natureza e sobre os seus próprios semelhantes. Esta, devo adverti-los, foi a teoria que formulei naquele momento. Eu não dispunha de um providencial cicerone, como ocorre em geral nos romances de Utopia. Minha explicação pode estar completamente equivocada, embora eu ainda ache que é a mais plausível. Mas, mesmo nessas condições, o equilíbrio alcançado pela civilização já deveria há muito tempo ter deixado para trás o seu ponto mais alto e rumava agora para a decadência. A segurança excessiva em que viviam os habitantes do Mundo Superior os conduziu a um lento processo de degeneração, fazendo com que diminuíssem em tamanho, em força e em inteligência.” (WELLS, 2010, p. 79).

A fim de recuperar sua máquina, o protagonista se aventura pelos subterrâneos, munido de sua inteligência e de apenas alguns fósforos. Ele encontra os Morlocks em um ambiente “abafado e opressivo”, aparentemente tomado por máquinas gigantescas, sem que consiga perceber detalhes sobre elas ou suas funções. Ao encontrar esse grupo, o protagonista descobre que os Morlocks são carnívoros e, horrorizado, acredita que os Elóis haviam se tornado o seu alimento. Em outras palavras, crê no retorno de práticas canibais.

“Era óbvio que a certa altura do passado distante, durante a decadência da espécie humana, a comida dos Morlocks tinha escasseado. Talvez eles se alimentassem de ratos e outros animais inferiores. Mesmo hoje o homem é menos exigente e seletivo com sua alimentação do que já foi um dia; menos ainda do que um macaco. Seu preconceito contra a carne humana não é um instinto profundamente arraigado. E quanto àqueles descendentes do homem, tão inumanos... Tentei encarar as coisas com espírito científico. Afinal de contas, eles eram menos humanos e mais remotos do que nossos ancestrais antropófagos de três ou quatro mil anos atrás. E a inteligência que poderia ter visto nesse estado de coisas um tormento tinha desaparecido. Por que motivo eu deveria me atormentar? Os Elóis não passavam de um gado de engorda, que os Morlocks, como se fossem formigas, preservavam e devoravam, além de provavelmente administrar sua reprodução.” (WELLS, 2010, p. 95-96).

Após um caótico confronto com os Morlocks, que sentem um enorme pavor da luz e do fogo, o protagonista retorna à superfície. Assustado com o que considera ser um inimigo, o mesmo que lhe roubara a máquina do tempo, ele então elabora uma segunda hipótese interpretativa.

Corrigindo suas primeiras impressões, o protagonista entende que, se os Elóis tinham se convertido em uma classe dominante, uma “aristocracia privilegiada” nas suas palavras, e subjugado os Morlocks, isso teria acontecido muito antes daquele período. Naquela época futura, eles tinham se tornado criaturas decadentes, destituídas de genialidade, incapazes de dominar os Morlocks. Esses não reivindicavam seu “lugar ao sol”, pois há muito tempo tinham se adaptado aos subterrâneos. Aparentemente, ainda serviam às necessidades dos Elóis, mas apenas para que esses continuassem existindo de forma a lhes servir de alimento. Nesse sentido, quem de fato ocupava o topo da “hierarquia social” e, por que não dizer, da “cadeia alimentar”, seriam os descendentes dos trabalhadores pobres e não dos capitalistas ricos.

Próximo ao final do livro, valendo-se de muita astúcia, inteligência e uma boa dose de violência, o “Viajante no Tempo” enfrenta os Morlocks, consegue recuperar sua máquina e viajar novamente para outras épocas, milhões de anos distantes no futuro. Nesse futuro ainda mais longínquo, ele testemunha uma Terra moribunda e um sistema solar agonizante, sem qualquer vestígio de seres humanos e vida inteligente, ainda que não se arrisque à exploração devido ao impacto da experiência anterior. Decide então retornar a sua própria época, quando reencontra seus amigos e narra suas extraordinárias aventuras.

No trecho final, equipa-se com uma máquina fotográfica e outros apetrechos que considera essenciais para sua sobrevivência, decidido a viajar no tempo novamente e a trazer evidências. Então ele parte em sua máquina, sem fornecer qualquer pista sobre o seu paradeiro.

3 | APONTAMENTOS E COMENTÁRIOS

O romance de Wells conta a história de um cientista que, ao inventar uma máquina que permite ao seu ocupante se deslocar no tempo, viaja para centenas de milhares de anos no futuro, deparando-se com um mundo inteiramente modificado em relação a sua própria realidade vitoriana e que se converte em um pesadelo aterrador. Nesse sentido, o livro de Wells traz uma curiosidade importante para a compreensão da história e das possíveis interpretações associadas. Ainda que a narrativa se mova temporalmente, indo ao futuro e retornando ao presente, é perceptível a restrição no que tange ao deslocamento espacial. A máquina do tempo não é capaz de qualquer deslocamento no espaço e seu viajante, o cientista, se movimenta apenas por poucos quilômetros a partir do seu ponto inicial. Apesar dos eventos se desenrolarem nas proximidades do rio Tâmis, o cientista generaliza o que está a sua volta para o restante do mundo, ou seja, julgando que as enormes mudanças ocorreram em todos os continentes e atingiram toda a humanidade. Assim, enxergar a Inglaterra e, em particular, Londres, com tamanha proeminência parece bastante condizente com o tipo de visão anglocêntrica do tempo e da origem de Wells.

Segundo Tavares, se a literatura utópica do século XIX muitas vezes lançou mão de personagens auxiliares que, ao encontrar o protagonista, serviam-lhe de guia e apresentador da realidade visitada, explicando pormenores em tom educativo, Wells constrói sua história de forma absolutamente diversa, arremessando seu protagonista ao novo, ao diferente, repleto de possíveis perigos. O escritor gera uma empatia com o leitor ao estabelecer que o seu viajante conte apenas com suas próprias habilidades, pertences e intelecto para decifrar o que está ao seu redor e agir naquelas circunstâncias.

Outros elementos devem ser ressaltados nesse desconcertante romance de estreia de H. G. Wells. Sua alegoria contribui para interrogar epistemologicamente as aspirações utópicas de alguns dos chamados “neologismos” da modernidade, como o capitalismo e o comunismo, e sua inevitável relação com a dimensão temporal. Na ficção de Wells, compreende-se que esses termos são empregados de forma paradoxal, ora como um modelo de utopia, ora como o seu avesso, a distopia, sendo ambos localizados no futuro.

O que é possível indagar sobre o “comunismo” futurista imaginado pela personagem principal e, por que não dizer, pelo próprio Wells? Em primeiro lugar, é preciso notar, com atenção, que a ideia de comunismo apresenta uma historicidade, com variados significados.

Segundo Giuseppe Bedeschi, duas relevantes concepções comunistas também são representativas de ideais utópicos: “A República” de Platão e “Utopia” de Thomas Morus. Para Vincent Brome, biógrafo de Wells, tais obras influenciaram a formação intelectual de Wells.

Na cidade ideal platônica, a propriedade privada é extinta de forma que não haja nenhum conflito entre os interesses do Estado e o privado. Adicionalmente, a ideia de família é suprimida para que a dedicação ao bem público não sofra a interferência de afetos particulares. Cabe ao Estado prover as condições materiais e a educação das crianças, geradas pela união temporária de homens e mulheres. Entretanto, essa organização é adotada para os grupos “superiores”, ou seja, os governantes e os guerreiros. O restante da população tem a obrigação de executar serviços manuais, cuidar do comércio e da agricultura, entre outras funções econômicas, dentro de uma estrutura familiar tradicional. A dependência é primordial para a preservação do modelo. Assim, não há qualquer questionamento sobre uma possível emancipação desses grupos “inferiores” (BEDESCHI, 2000, p. 204).

Escrita em 1516, a obra de Morus está temporalmente localizada no alvorecer da era moderna e de profundas mudanças econômico-sociais: a expulsão em massa de comunidades rurais e a apropriação das terras comunais inglesas, transformadas em fornecedoras de lã para as produtoras de têxteis. Parte das populações expulsas dessas terras se converte em despossuídos em situação de miséria e outra parte em mão-de-obra assalariada das produtoras de têxteis, suportando condições de trabalho deploráveis (BEDESCHI, 2000, p. 205).

Em “Utopia”, não são tolerados a propriedade privada nem o dinheiro, incompatíveis, segundo Morus, com a ideia de uma sociedade harmoniosa, em que as necessidades de todos são atendidas de forma satisfatória, sem carências ou excessos. Além disso, todos os bens imóveis pertencem ao Estado, como terras, matérias-primas, fábricas, entre outros. Todos os habitantes devem trabalhar até seis horas por dia. Ou seja, não há ociosos mantidos pelo trabalho alheio. Adicionalmente, cabe enfatizar que existe uma estrutura social baseada na família. As famílias de “Utopia” podem retirar de um fundo comum o que for suficiente para as suas necessidades. Não há bens de luxo nem a acumulação de bens em excesso. Do ponto de vista político-administrativo, privilegia-se a “democracia aberta”, em que os governantes e os responsáveis pela aplicação das leis são eleitos. De forma semelhante, os negócios econômicos e sociais são gerenciados por uma assembleia igualmente eleita. Por fim, a escravidão é mantida, restrita, contudo, a prisioneiros de guerra ou àqueles que cometeram algum crime, sendo nesse caso em regime temporário. A eles, são destinadas funções duras e pesadas.

Parece haver aspectos presentes nas duas obras, mas não de forma simultânea obrigatoriamente, que vão ao encontro da noção de comunismo apresentada por Wells em “A máquina do tempo”, como a extinção da propriedade privada, do dinheiro e da família na forma tradicional. Entretanto talvez a concepção “utópico-comunista” que apresente elementos mais próximos à leitura inicial do protagonista seja aquela escrita por Étienne Cabet.

Em sua obra “Viagem à Icária”, também não há qualquer possibilidade de propriedade privada ou pessoal. Mas, diferentemente das outras concepções “utópico-comunistas”, há uma radical eliminação das diferenças sociais, incluindo os papéis sociais de homens e de mulheres, e até mesmo das distinções na forma de se vestir. Os meios de produção são coletivos e os planos de produção são anuais, feitos por um grupo eleito pela comunidade. O trabalho é igualmente dividido e cada membro da coletividade recebe o necessário para a manutenção de sua vida, sem que haja faltas ou excessos (BEDESCHI, 2000, p. 208).

É preciso enfatizar que, ao formular hipóteses interpretativas para o mundo do ano 802.701 da “era cristã”, o protagonista a princípio relaciona a ordem social dos Elóis ao “comunismo”. Assinalo que o “comunismo” futurista de Wells é marcado pelo fim da ideia de progresso e caracterizado por um estágio derradeiro onde não é possível ir além, mas apenas retroceder. Com a decadência da civilização humana, a “paz perpétua” seria afinal alcançada.

Em momento posterior, no entanto, o protagonista propõe uma interpretação “capitalista” para o futuro distópico. Compreende que a separação social extrema está inserida na lógica do capitalismo. Sua ininterrupta exacerbação levaria a um paulatino processo de “desumanização” do homem. A indústria não deixaria de existir, mas não mais estaria inserida em um processo de acumulação de capital e na busca pelo lucro. Os papéis sociais seriam formados segundo um nexos “racial”, sem que houvesse

contestação ou possibilidade de mudança, funcionando de modo “automático”.

A lógica dos papéis sociais lembra, em alguma medida, a forma como se estruturou prática e doutrinariamente o colonialismo inglês e europeu na África e na Ásia na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Para Anna Maria Gentili, intitula-se “colonização” o processo de aquisição e alargamento de territórios (colônias) assim como a subjugação dos povos ali residentes, diferentes daqueles da potência colonial, através da coerção física e/ou da supremacia econômica. Contudo, não se deve confundir “colonização” com “colonialismo”, o qual se alinha mais adequadamente ao estabelecimento sistemático de maneiras diversas de dominação. Em sua versão contemporânea, o colonialismo formal se caracterizou pela institucionalização de um domínio político, econômico, social e ideológico de Estados sobre territórios e povos diversos. Tal dominação, entretanto, também ocorreu de maneira informal, *de facto*, sobre territórios considerados independentes.

O colonialismo também é caracterizado como uma das formas assumidas pelo imperialismo europeu ao final do século XIX e início do século XX. Está inserido na dinâmica de obtenção de fontes de matérias-primas, minerais e agrícolas, em prol do desenvolvimento industrial europeu. Não apenas as fronteiras dos territórios submetidos ao colonialismo são definidas pelas potências coloniais, mas igualmente a estrutura política, econômica e social de maneira a explorar a força de trabalho com baixo custo, promover um emprego racional dos recursos e, de forma simultânea, manter certo equilíbrio e impor uma determinada ordem (GENTILI, 2000, p. 181-186).

Outro aspecto importante, que, porém, não é mencionado diretamente no pesadelo futurista de Wells, é a existência do Estado ou, mais propriamente, sua inexistência. Não há indícios no romance de que, no futuro distante, haja um pacto social, governos, instituições, leis, estruturas políticas, legislativas, jurídicas e administrativas, ou ainda legitimidade no uso da violência. Assim, em que medida, para o escritor, a ausência de Estado e o colapso civilizacional estavam relacionados? Comparações analíticas entre “A máquina do tempo” e outras obras do escritor poderão proporcionar reflexões adicionais.

Por fim, conforme indicado anteriormente, o mundo longínquo temporalmente imaginado por Wells parece manifestar uma metáfora adicional. Para o protagonista de “A máquina do tempo”, os dois povos descritos no romance, Elóis e Morlocks, estariam presentes em todas as terras e continentes, abrangendo o mundo inteiro, e não apenas restritos aos arredores da região de Londres ou mesmo das Ilhas Britânicas. Haveria, portanto, algo de universal nos destinos de homens e mulheres.

Não se pode desconsiderar um aspecto essencial do universalismo: trata-se de um produto originário do conhecimento e da cultura de matriz europeia. De forma semelhante, deve-se recordar que as hipóteses explicativas sobre o mundo do futuro e o processo que levou à sua constituição, raciocinadas pelo protagonista-cientista, possuem como referências básicas esse mesmo conhecimento e cultura.

Se, por um lado, as distopias alegóricas de Wells contribuem para se interrogar

epistemologicamente algumas das aspirações utópicas dos chamados “neologismos” da modernidade, por outro, não é perceptível em seu texto a indagação e o reconhecimento de outros saberes e experiências, diferentes epistemologias. Mas esse diagnóstico pode soar muito rigoroso e perigosamente anacrônico. Ainda que seja flagrantemente crítico, pode-se pensar que Wells tinha seus questionamentos limitados a um “horizonte” de possibilidades, inseridos nos contextos político, econômico, social e intelectual de seu tempo.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. O conceito de história – antigo e moderno. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BEDESCHI, Giuseppe. Comunismo. In: BOBBIO, Norbert; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 5ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 205-210.

BROME, Vincent. **H. G. Wells: a biography**. Londres: Longmans, Green, 1951.

GENTILI, Anna Maria. Colonialismo. In: BOBBIO, Norbert; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 5ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 181-186

HUGHES, David. **British “scientific romance”**. Science Fiction Studies, No. 41, Vol. 14, Part 1, March, 1987.

IACHTECHEN, Fábio Luciano. **Evolução, progresso e universalidade: elementos do conceito de história em H. G. Wells**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo, Julho, 2011.

_____. **Gênero utópico e o discurso científico na ficção de H. G. Wells**. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Tecnologia e Trabalho. Curitiba, 2008.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto – Editora PUC-Rio, 2006.

SCHNERB, Robert. A era do cientificismo. In: CROUZET, Maurice (Org.). **História geral das civilizações**. Tomo VI. São Paulo: Difusão Européia, 1958. p. 109-119.

TAVARES, Bráulio. Prefácio. In: WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WARD, A. C. **História da literatura inglesa**. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.

WELLS, Herbert George. **A máquina do tempo**. Tradução de Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração da Justiça 179, 180, 183

África Austral 202, 203, 204, 209, 210, 211

Africanos 47, 49, 51, 122, 134, 135, 162, 163, 164, 166, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 203, 207, 208, 209, 210

Alienação Parental 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89

América Latina 1, 8, 9, 11, 14, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 127, 128, 129, 137, 155

Anticomunismo 153, 155, 156

Ascensão Social 33

Assistência 145, 147, 151, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 197, 206

B

Base Curricular 101, 104, 108

Brasil Colônia 126, 129, 130, 138, 212

C

Colônia de Moçambique 179

Constituição Federal 65, 66, 70, 71, 72, 73, 75, 106

Cotidiano Escolar 112, 113, 116, 117

Cultura 8, 9, 19, 22, 23, 25, 38, 44, 48, 51, 62, 76, 79, 81, 90, 91, 94, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 130, 135, 138, 169, 177, 178, 181, 182, 183, 201

D

Deslocamentos forçados 202, 203, 206, 207, 209, 210

Diálogos Contemporâneos 15, 26, 40, 54, 65, 77, 90, 101, 112, 118, 126, 139, 153, 162, 170, 179, 191, 202, 212

Diocese 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Dom João da Mata 191, 192, 194, 199, 200, 201

E

Educação 33, 34, 36, 42, 47, 51, 67, 91, 96, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 126, 128, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 142, 148, 152, 161, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 189, 194, 199, 204, 209

Educação Superior 33, 106, 110, 126

Escravidão 71, 118

Estado 2, 23, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 88, 102, 103, 112, 128, 129, 131, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 156, 157, 158, 160, 169, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 192, 196, 197, 201

Estereótipos 118, 121, 123, 124, 125, 207

Extrema-Direita 153, 155

F

Família Contemporânea 77, 78, 79

Fontes 15, 16, 17, 18, 25, 38, 39, 64, 100, 124, 151, 153, 156, 160, 162, 177, 178, 183, 185, 187, 189, 201

Formação Médica 139

G

Gênero 7, 8, 10, 19, 20, 28, 39, 64, 86, 92, 94, 144, 175, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 202, 204, 205, 206, 209, 210

H

História da psiquiatria 149, 151

I

Identidade 5, 8, 9, 10, 12, 25, 54, 55, 60, 63, 64, 78, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 106, 113, 153

Ideologia 43, 72, 78, 79, 88, 110, 136, 153, 156, 158, 173

Igualdade Racial 112

Infância 1, 56, 148, 158, 170, 172, 176, 177, 178

J

Jean-Jacques Rousseau 23, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74

L

Literatura 1, 2, 3, 13, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 36, 39, 42, 45, 54, 63, 68, 96, 100

M

Manaus 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Manoel Bomfim 40, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 52

Manuel de Oliveira Lima 40, 41, 43, 45, 50, 52

Maria Graham 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25

Matrizes Afro-brasileiras 112, 114

Migrações 202, 206, 208, 209, 210, 211

Mulher viajante 15

N

Narrativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 22, 35, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 122, 123, 132, 156, 157, 158

Neoliberalismo 101, 102, 103, 110, 155

O

Oralidade 1, 3, 5, 6, 7, 13, 14, 91, 93

P

Paul Ricoeur 54, 63, 64

Poder 4, 6, 8, 13, 14, 16, 32, 49, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 99, 102, 103, 109, 115, 127, 131, 135, 137, 140, 146, 156, 157, 176, 179, 184, 187, 188, 192, 196, 209

Práticas Fúnebres 162

R

Relatos memoriais 1

S

Santa Casa de Misericórdia 170, 172, 174, 176, 177, 178

Santo Antonio de Jacutinga 162, 165, 166, 167, 168

Século XIX 25

Século XX 139

Sociedade 12, 14, 29, 33, 37, 41, 42, 48, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 170, 171, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 212

T

Teoria da História 8, 26, 189

 **Atena**
Editora

2 0 2 0